

Vanderson Castilho Munhoz

Match point

O caminho de uma jogadora
de voleibol em busca da felicidade



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Match point

Vanderson Castilho Munhoz

Match point

O caminho de uma jogadora
de voleibol em busca da felicidade

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Vanderson Castilho Munhoz

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – novembro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Munhoz, Vanderson Castilho

Match point : o caminho de uma jogadora de voleibol em busca da felicidade / Vanderson Castilho Munhoz. -- São Paulo :

Recanto das Letras, 2020.

232 p.

ISBN: 978-65-86751-45-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Voleibol -
Literatura infantojuvenil I. Título

20-4133

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

Nota: Esta é uma obra de ficção fantástica. Os vários personagens que permeiam constantemente a trama, embora inseridos no contexto do livro, são tratados de forma ficcional numa mescla de fantasia e realidade.

Sumário

Prefácio	9
O início da trama	11
Hora de revelar um segredo	39
Hora de sair da zona de conforto	46
Um começo na Sérvia	57
E uma nova oportunidade vem para Ângela Werneck	69
Uma decisão de campeonato a disputar	91
Novos caminhos para Ângela Werneck	147
O momento da despedida de Ângela Werneck	150
Um momento decisivo	163
Querendo entender o ocorrido	170
Cinco anos depois... ..	188
No Brasil, a agenda um pouco cheia	194
Um pedido inusitado	209
O casamento	213
Dois meses depois... ..	219
O reconhecimento pelos serviços prestados	222
Epílogo	225

Prefácio

Bom, gente, assim como o automobilismo, sobre o qual eu já tinha feito histórias anteriores a esta, resolvi também tratar uma história com temática de voleibol. Para quem cresceu acompanhando o esporte em sua evolução desde aquela Geração de Prata do voleibol masculino nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), passando também por Barcelona (1992) em diante, as grandes rivalidades contra os outros países, o período em que o esporte esteve no auge aqui no Brasil, o crescimento também do voleibol feminino, que fez com que tivéssemos uma Superliga de Voleibol muito forte, sendo transmitida na TV aberta principalmente nos anos 90, como também adotássemos nossos ídolos no voleibol masculino e também as musas inspiradoras no caso do voleibol feminino, durante cada partida disputada neste período.

O voleibol, com o tempo, conseguiu se tornar o segundo esporte mais popular do Brasil, claro, perdendo apenas para o futebol masculino. E de repente, num destes momentos em que eu estava praticando uma corrida de rua aqui em Cuiabá, ao ver várias pessoas uniformizadas e a caráter participando desta prova, veio um estalo na minha cabeça e tive a ideia de criar uma história sobre o voleibol, mas não uma história qualquer. Resolvi criar uma trama onde um assunto muito falado nas mídias sociais e também no cotidiano fosse retratado paralelamente.

Nesta outra história de realidade fantástica que acabei de criar, a personagem principal, a jovem paulistana Érica Letícia, resolve se mudar para o interior de São Paulo, mais precisamente para a cidade de Araçatuba, com o propósito de estudar e

adquirir sua graduação, se matriculando numa renomada universidade, que é referência para o esporte local e também do interior de São Paulo. Por lá, ela vai vivendo muitas peripécias ao conhecer a rotina de universitária, como também se tornar uma jogadora de voleibol e descobrir uma maneira diferente de se relacionar com as pessoas, mas guardando um segredo íntimo que por orgulho próprio ela não se sente à vontade para revelar. Qual seria, então, este segredo?

Este livro, denominado *Match Point — O caminho de uma jogadora de voleibol em busca da felicidade* mostra uma garota que entra no esporte e que se apaixona pelo voleibol. Mas ela não estará sozinha nesta história. Érica Letícia conhecerá muitas pessoas, em especial o treinador Maurício, que se tornará um bom conselheiro, e também a veterana jogadora Ângela Werneck, com quem desenvolverá uma relação que vai muito mais além de uma simples amizade. A trama também revelará alguns conflitos, cujos personagens costumam passar no decorrer desta história.

Esta história mostrará para Érica Letícia muitas surpresas, momentos que ela também receberá alguns sinais do que pode estar acontecendo durante o seu caminho. Os conflitos não só da personagem principal, mas também dos outros personagens, serão intensos, e a constante luta da jovem jogadora para buscar sua felicidade, seja nas quadras ou fora dela. Com o decorrer da trama, muita coisa irá acontecer até que finalmente ela se sinta mais confortável para atingir seus objetivos.

Bom, então vamos logo começar as emoções desta grande partida de voleibol, que promete muitos saques, aces, manchetes, *rallys*, bloqueios e muito mais para que possamos imaginar o que vem pela frente!

Hora de sacar e iniciar a partida!

O início da trama

São Paulo, fevereiro de 2016.

Nestas andanças da vida, ocorrem muitas mudanças que fazem a gente, de uma forma ou de outra, ser obrigada a sair de uma enorme zona de conforto. E quando percebemos que temos que agarrar algumas oportunidades, acabamos de uma forma ou de outra saindo deste estágio.

Com nossa personagem principal, não foi diferente. Depois de completar vinte anos recentemente, ela acabou recebendo uma ótima proposta para ir para uma cidade do interior assim que recebeu sua nota no Enem. E finalmente chegou o dia. Saindo da rodoviária depois de se despedir dos familiares, entrou no ônibus e, após uma longa viagem, acabou desembarcando na cidade de Araçatuba, interior de São Paulo, com o objetivo de cursar a faculdade de Jornalismo.

Mal desembarcou do ônibus, ela finalmente pensou consigo mesma: “Ufa! Aqui estou. Agora é questão de me ajeitar por aqui, tomara que dê tudo certo”.

Logo as coisas foram se ajeitando. Depois de conseguir alugar uma quitinete nas redondezas da Cidade Universitária e pagar adiantado por seis meses o aluguel, finalmente ela pôde esticar as suas canelas e descansar bastante. Mas logo depois viriam os primeiros desafios. No primeiro dia de aula na Universidade Particular Sílvia Parada de Araçatuba, veio logo a adaptação à turma e o trote educativo de boas-vindas aos novos universitários. Depois, era hora de escolher as matérias, e na

hora de decidir pelas aulas de educação física, veio um despertar do interesse pelo voleibol. E aí é que foi descobrindo que esta se tornou uma decisão acertada. Afinal, a Universidade Sílvia Parada era também uma referência nos esportes coletivos.

Logo que chegou no primeiro dia do voleibol, a nossa personagem veio para a primeira aula e o professor técnico se apresentou para as novas alunas. O professor técnico se chamava Maurício, um moreno de uns 35 a 40 anos, formado em Educação Física, e ele foi dizendo o que esperar das novas jogadoras, uma turma de aproximadamente vinte estudantes:

— Bom, meninas, vocês têm um caminho muito duro se quiserem se dedicar mesmo à modalidade de voleibol, mas vale muito a pena. Temos opções para vôlei de quadra, de praia e 4x4. A universidade dá boas condições para que vocês se dediquem ao esporte, mas vocês também têm que mostrar serviço. Com o tempo, vocês vão ficar muito boas e preparadas para competições; por enquanto, vocês devem mostrar dedicação para as categorias de base e, quem sabe um dia, possam chegar à Superliga.

As alunas então cochicharam algo entre si, mas nossa personagem se preocupou em pegar as orientações do professor técnico. Eis que ela perguntou para ele:

— Professor, gostaria de saber mais sobre a dinâmica, como trabalhar nos treinamentos, o que fazer para chegar aos objetivos.

Maurício ouviu a pergunta e respondeu:

— Ah, já vi que você é nova na universidade. Desculpe, qual o seu nome?

— Letícia. Érica Letícia, professor.

— Ah, sim, Érica. Então, você conhece o vôlei?

— Eu acompanhava os jogos da Superliga, tenho conhecimento das regras, mas nunca pratiquei o esporte. Somente em brincadeiras de condomínio.

Maurício, ao saber desta resposta, perguntou para Érica:

— E você está disposta a seguir com o treinamento?

— Sim, professor. Quero muito aprender e tentar sim, sou nova aqui na faculdade, mas quero muito fazer isso.

— Ótimo. Podemos começar, então.

Dito e feito. As outras colegas começaram uns cochichos daqui e dali por causa dos questionamentos da Érica Letícia. Mas era hora de batente. Depois de alguns exercícios, veio um pouco de treinamento. As alunas tiveram noções de saque, levantamento e outros exercícios de postura para começar. Foi quase uma hora de exaustão, mas que deixou todas contentes com o primeiro dia.

Ao fim da aula, Érica Letícia acabou sentindo um pouco o desgaste pelo esforço dos exercícios, e confessou para o professor Maurício:

— Nossa, esses exercícios me fizeram sentir bastante! Não estava acostumada a tanto esforço.

— É o primeiro dia, mas tudo bem, descanse por hoje que daqui a dois dias voltaremos ao treinamento.

E assim foi. Depois de um banho nos vestiários femininos, Érica Letícia acabou indo conhecer mais de perto o câmpus da Universidade Sílvia Parada, vendo as instalações e assistindo às aulas. Logo logo, ela acabou meio que se enturmando com os demais colegas de classe.

Mas, apresentando a personagem desta trama, Érica Letícia era uma jovem morena clara, com umas curvas bem trabalhadas, cabelos medianos na altura dos ombros. Gostava de leituras sobre esportes, as quais apontavam que o voleibol era seu esporte preferido, mas não dispensava também um pouco de futebol, onde fez amizade também com a turma do futevôlei, sempre

praticando nos finais de semana este esporte, num campinho de areia numa praça perto da quitinete onde estava morando.

Nas horas de folga, Érica Letícia também aproveitava para ver vídeos de voleibol, de partidas disputadas, bem como pesquisar para as disciplinas que cursava em seu curso de Jornalismo, e também tinha seus momentos de fé. Érica Letícia demonstrou um desejo íntimo de se especializar em Jornalismo Esportivo e queria trabalhar com o voleibol, pois o esporte tem muito a oferecer para o mercado jornalístico brasileiro. Nas horas de folga, ela ia à missa e sempre rezava na capela da igreja do bairro, pedindo proteção e pensando nos seus familiares que ficaram em São Paulo.

A rotina foi seguindo firme e forte, conciliando voleibol com os estudos, numa correria frenética. Momentos para diversão, muito poucos, diga-se de passagem. Coisas da vida universitária.

Érica Letícia também conseguiu uma vaga como estudante bolsista do Departamento de Esportes da Universidade. Com o dinheirinho da bolsa, ela foi se mantendo nas suas despesas do dia a dia, praticamente vivendo dentro da Cidade Universitária, e só saindo de lá para ir para casa estudar e dormir. Os pais ajudavam a completar o orçamento, enviando todo mês para uma conta poupança dinheiro suficiente para se manter em Araçatuba. Érica Letícia foi se adaptando normalmente ao ambiente e à rotina universitária. Estava se sentindo em casa.

Um dia, durante o trabalho, ela foi limpando o memorial dos times esportivos da Universidade Sílvia Parada e foi mexendo nos quadros, limpando e colocando no lugar. Pouco a pouco foi admirando a vasta galeria de troféus e medalhas, além das fotos de formações antigas de times dos esportes coletivos. Quando chegou no time principal de voleibol, Érica Letícia olhou para a formação das jogadoras em destaque e pensou

consigo mesma: “Elas devem ter batalhado e suado muito para chegarem até onde chegaram. Será que um dia eu terei essa oportunidade dentro do time? Tomara que um dia eu consiga”.

Logo depois, ela foi notando algumas camisas penduradas dentro de uma vitrine lacrada para protegê-las. Eis que ela olhou para uma delas, que estava estampada com o número 69 e escrito assim na etiqueta do quadro: “Lembrança do Tricampeonato Sub-20 da Universidade Sílvia Parada, Superliga Jovem do Interior 2010 – Ângela Werneck, capitã do time”.

Ao ver isso, Letícia pensou ainda mais consigo mesma: “Essa tal de Ângela Werneck deve ser muito boa mesmo, pra ter sua camisa estampada. Assim como todos os atletas que passaram por aqui. Se um dia eu conseguir ter uma camisa destas exposta...”

O professor Maurício viu a Érica observando essa camisa e disse para ela:

— Que bom que você está observando bem nossa história, Letícia.

— E essa Ângela Werneck, professor? Ela foi estudante daqui?

— Ah, sim. Ela está no último ano de faculdade. Logo ela se formará em Psicologia e terá de deixar o time.

— Então vocês não têm um time principal?

— Estamos pensando talvez um pouco lá na frente em montar um time para a Superliga profissional. Quem sabe levar o nome de Araçatuba para o cenário nacional. Mas precisamos de patrocínio. Se o time surgir antes da Ângela se formar, talvez possamos segurá-la e chamar outras atletas.

Érica Letícia ficou em silêncio, apenas ouvindo o que o professor Maurício tinha a lhe dizer. Ele abraçou a Érica e confessou algo para a comandada:

— Você é uma pessoa muito forte e valente, Letícia. Está se comportando bem, com humildade, mas sabendo o que quer. Isso é bom para um atleta que está iniciando a carreira.

Ela agradeceu o elogio do professor e fez uma única exigência:

— Você me apresenta essa tal Ângela Werneck? Ela me parece ser muito boa pessoa, além de ser uma atleta bem profissional.

— Pode deixar, Érica. Ela vem muito pouco aqui no treinamento. Ela treina mais com a outra turma, mas acho que vocês devem se entender.

Aos poucos, o tempo foi passando. As primeiras provas. As primeiras notas. Érica Letícia foi mostrando desenvoltura e se dedicando bastante aos treinamentos, ao mesmo tempo em que também se dedicava muito bem a tirar boas notas na faculdade, se destacando bem e até despertando um tipo de “inveja boa” dos demais colegas.

Terminou o primeiro semestre, metas cumpridas. A turma resolveu se distrair num pub sertanejo de Araçatuba. Os alunos foram se divertir, dançar, azarar e encher a cara pra valer. Um dos colegas resolveu conversar com a Érica Letícia, e abriu o jogo:

— Vamos lá, Érica. Anime-se: terminamos o semestre. Hora de extravasar.

Érica agradeceu o convite, mas acabou despistando:

— Obrigada, amigo, mas eu vou ficar só no guaraná mesmo.

— Ih, Érica. O que foi? Vai ficar nessa regulação toda agora, é?

— Sei que devemos aproveitar que o semestre já terminou, mas eu não sou de beber. Vou ficar aqui na minha mesmo.

— Você precisa se soltar mais. Beber um pouco, dançar, beijar um pouco. Vamos!

Ela, despistando mais um pouco, percebeu as reais intenções do seu amigo e disse para ele:

— Você quer extravasar, né? Olha, eu acho que aquela moça ali está te dando mole. Eu, se fosse você, conversaria bastante com ela.

O amigo percebeu, acabou aceitando a sugestão e agradeceu:

— Valeu, Érica. Tomara que dê certo. Fui!

Na verdade, Érica Letícia não estava se sentindo confortável naquela balada. O cheiro de bebidas alcóolicas e o sertanejo universitário que tanto tocava ali não estavam lhe agradando. Ela acabou ficando sozinha, como um peixe fora d'água. Afinal, para quem gostava de rock e pop, mudar para outro ritmo não era uma boa. Pois ela decidiu sair de lá e voltar para sua quitinete, ir dormir ou então assistir a uma programação que viesse a lhe interessar. Como não aconteceu nada, foi dormir.

No dia seguinte, a dura realidade de estudante universitária continuava. Durante a limpeza semanal do seu cantinho, ela pensou: “Puxa vida. Você reclama de solidão, mas por que você não se permite viver, hein? O duro é que tem muita gente grosseira e eu não gosto disto. Tem que pintar naturalmente e não fazer com que seja uma forçação de barra”.

E completou ainda mais seu pensamento: “Acho que sou muito exigente e por isso mesmo está osso para encontrar uma pessoa legal e bacana... É, talvez eu seja mesmo”.

Nisso, ela resolveu ligar para a casa de seus pais, aproveitando que o horário da ligação interurbana era reduzido:

— Então, mãe, como estão as coisas por aí?

— Nossa, filha. Fico feliz por você ter dado as novidades, que está indo super bem na sua adaptação à universidade, a

uma cidade nova. Seu pai está aqui, reunindo amigos para um churrasco.

— Que bom, mãe, que estão todos felizes. Sim. Estou saindo um pouco, aproveitando que esse recesso veio e botar um pouco a rotina em dia.

Do outro lado da linha, o pai falou em voz alta longe do telefone para a mãe:

— Aqui está tudo tranquilo. Uma pena que a Érica não está aqui para comer uma carne deliciosa!

A mãe balançou a mão para o seu marido e continuou a conversa com sua filha:

— Então, filha. Esperaremos uma hora você chegar aqui. Estamos morrendo de saudades, mas torcendo pela sua felicidade.

— Obrigada, mãe. Aqui é muito bom de se viver. Se puder fazer uma visita, será ótimo. Aqui é pequenininho o espaço, mas a gente vai se ajeitando. Quero lhes mostrar a cidade um dia.

As duas conversaram por um bom tempo e soltaram algumas risadas, contando muitas histórias, coisas boas, coisas do passado da família, uma conversa muito boa.

De noite, ela na quitinete, pintou uma solidão. O lance era pedir algo para comer pelo telefone. Logo veio a entrega, então ela se deliciou com uma enorme pizza meio portuguesa e meio de rúcula com tomate seco. Ao saborear essas gordices enquanto assistia à TV e à programação, ela refletiu sobre as preocupações do dia a dia. Nada de extraordinário aconteceu, e depois ela foi dormir.

Durante o sono, ela teve um sonho diferente. Nele, a imagem de uma motocicleta percorrendo as ruas. Uma pessoa de macacão e capacete preto acelerando o veículo. Um acidente. Érica acordou assustada e pensou: “Meu Deus, que coisa!”.

Ela ligou o abajur e viu o relógio da cabeceira apontando o horário: 3h50. Ela se levantou. A madrugada brilhava bastante no céu estrelado de Araçatuba. Érica foi até a geladeira pegar um copo d'água. Ela pensou muito, mas não conseguiu entender o que se passava e o real significado desse pesadelo:

— Mas que coisa, hein. Essa agora... Bem que minha mãe me dizia: “Não presta comer e se deitar logo depois”.

Ela ficou tão impressionada com o pesadelo que não teve mais forças para tentar voltar a dormir. O jeito foi ficar acordada e ver alguma programação na TV.



Alguns dias se passaram em Araçatuba, na Universidade Sílvia Parada. Eis que o dia estava com céu de brigadeiro e alguém com uma moto vinha percorrendo as ruas da Cidade Universitária. A moto encostou no estacionamento e o condutor desceu. Na verdade, uma condutora. Ao tirar o capacete, veio a imagem de uma ruiva com cabelos esvoaçantes que prendeu o equipamento no banco da moto, trancou a roda com um cadeado e foi entrando no bloco do ginásio. Chegando até o local, a moça logo se apresentou para o professor Maurício, abraçando-o firme e forte:

— Tudo bem, professor? Como foi por aqui durante minhas férias?

— Ah, foi tudo tranquilo. A nova turma de atletas está desenvolvendo muito bem seu trabalho e prometemos novidades.

— Graças a Deus que promete uma nova safra de garotas para o time da universidade. Depois que eu descansar um pouco, amanhã continuarei aquelas conversas com os patrocinadores para ver se montamos um time na categoria mais acima. Ainda tenho o sonho de disputar um dia a Superliga.

Érica Letúcia, 20 anos, desembarca em Araçatuba para estudar Jornalismo Esportivo, mas em pouco tempo apaixona-se pelo voleibol feminino, esporte de referência em sua universidade. Conciliando a rotina de estudos com as atividades esportivas, Érica conhece a capitã do time, Ângela Werneck, com a qual desenvolve uma boa amizade muitas vezes confundida com um sentimento a mais.

Será que a amizade resistirá? Será Érica feliz afinal?

Leia e descubra cada lance desta história até chegar ao match point.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

